



APONTAMENTOS SOBRE O CORPO E O CUIDADO DE SI

Renato Sampaio de Azambuja¹
Nadia Geisa Silveira de Souza²

Resumo

Este artigo integra a dissertação de mestrado. Nele interrogo e problematizo as práticas biomédicas fundadas na visão de corpo orgânico, anatomizado, que desvincula os processos do adoecer das experiências existenciais dos sujeitos, ficando o cuidado e o tratamento reduzidos à utilização de farmacos de ação fisiopatológica. Proponho pensar um cuidado de si, na perspectiva foucaultiana, ao considerar o corpo como efeito dinâmico nas práticas do viver. Convido, ao final, a estar atento às experiências dos sujeitos, em seu viver, fundadas em seus relatos existenciais, buscando práticas médicas voltadas para seu próprio cuidado. Para tanto, utilizo os estudos de Michel Foucault, Nikolas Rose, Agambem, Deleuze e Ortega.

Palavras-Chave: Corpo. Biomedicina. Cuidado de si.

O cuidado gerado pela biomedicina

A biomedicina tem produzido um discurso cuja prática tende a gerar efeitos em que os indivíduos se subjetivam enquanto corpos objetivos, estruturados em órgãos, que existem independente das relações que processam no seu viver. Corpos orgânicos cujos efeitos percebidos pelos sujeitos são vistos como independentes da incorporação dos processos psíquicos e existenciais em seu devir corporal. Os doentes são definidos como portadores de doenças, por um lado, alienígenas ao corpo e, por outro, parte de uma natureza exclusivamente corporal e orgânica.


Dessa perspectiva, a abordagem da "doença", que atinge tanto a subjetividade quanto o corpo do paciente, fica a encargo de verdades médicas de intervenção no corpo orgânico e anatomizado, identificando nele a essência da enfermidade a ser "curada" através especialmente de medicamentos para corrigir "falhas" ou "deficiências" da estrutura corporal. Nesse sentido, o sujeito é subjetivado e subjetiva-se, visando o controle do corpo. (ROSE, 2010).

Além disso, as verdades médicas que, assim, potencialmente produzem controle e relações de saber/poder nas relações entre indivíduos e coletivos, vem gerando outros tipos de

¹ Mestrando, PPG em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde/ICBS/UFRGS, renatodeazambuja@gmail.com

² Doutora, PPG em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde/ICBS/UFRGS, nadiags@terra.com.br

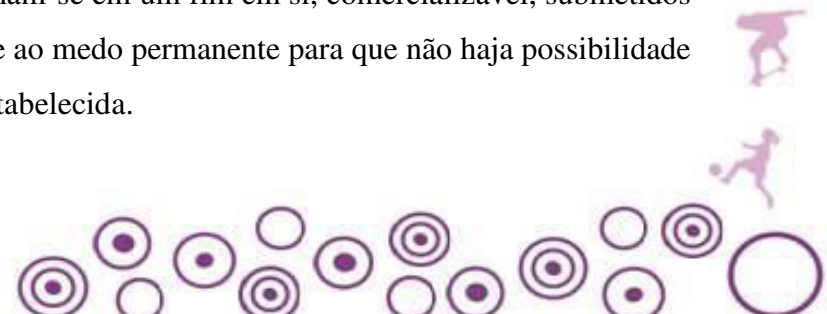





agrupamentos sociais e cuidados do corpo. Pode estar ocorrendo um deslocamento e aprimoramento na ênfase do controle do biopoder: “a noção de biossociabilidade visa descrever e analisar as novas formas de sociabilidade surgidas da interação do capital com as biotecnologias e a medicina... uma forma de sociabilidade apolítica constituída por grupos de interesses privados, não mais reunidos segundo critérios de agrupamento tradicional como raça, classe, estamento, orientação política, como aconteceria na biopolítica clássica, mas segundo critérios de saúde, performances corporais... novos valores com base em regras higiênicas, regimes de ocupação de tempo, criação de modelos ideais de sujeito baseados no desempenho físico” (ORTEGA, 2002, p. 153-154). Trata-se do imperativo da academia de ginástica, do desempenho físico, da forma do corpo físico para ser visto e fotografado, da longevidade. Práticas governadas, dentre outros, pelo discurso da biomedicina “baseado em constantes biológicas, taxas de colesterol, tono muscular, desempenho físico, capacidade aeróbica [que] populariza-se e adquire uma conotação ‘quase moral’” (ibid., p. 154) do indivíduo que se subjetiva ao tomar tais preceitos como regras. Nesse âmbito, produzem-se os movimentos de subjetivação, constituindo sujeitos submetidos às “regras da biossociabilidade, enfatizando-se os procedimentos de cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticos na construção das identidades pessoais das bioidentidades. Trata-se da formação de um sujeito que se auto controla, auto vigia e auto governa... o corpo torna-se foco do poder disciplinar” (ibid., p 154-155). Desde o século XIX, no corpo articulam-se, através do discurso biomédico, as tecnologias disciplinares e regulamentares para o governo da vida do corpo individual e das populações para o controle das doenças. (FOUCAULT, 2000).

Atravessados pela noção de risco, a qualquer momento alguma patologia poderá se desenvolver ou invadir os corpos biológicos fazendo com que os indivíduos sejam subjetivados pelo medo e pela ansiedade da iminência patológica: o corpo precisa ser visto em sua estrutura orgânica e bioquímica para que o sujeito seja visto e se veja como saudável. Cria-se uma insegurança que somente o exame “normal” pode tranquilizar o sujeito submetido a tais verdades.

Assim, as práticas corporais constemporâneas não se configuram como práticas fundamentadas em uma estética da existência. Sustentam-se em um tipo de cuidado em que o corpo, a saúde e a longevidade transformam-se em um fim em si, comercializável, submetidos às verdades do doutro, ao auto controle e ao medo permanente para que não haja possibilidade de desvios na normatividade corporal estabelecida.






Nesse processo de subjetivação, nos indivíduos submetidos à objetividade orgânica, criam-se subjetividades que oscilam entre a fragilidade do potencial perigo e a desconfiança de si, por estar algo "errado" em seu corpo, ameaças a serem controladas e corrigidas, enquadradas em uma normatividade de constantes biológicas. Talvez, a proposição de um movimento subjetivo para além de si em um trabalho de si sobre si possa aplacar e balizar tal angústia existencial de um corpo reduzido ao determinismo de seus órgãos, desse sujeito corporificado, cada vez mais banalizado, exposto e moldado nas normas da perfeição orgânica.

À procura de outro cuidado

Para Foucault (2013), o cuidado de si é uma prática diária, filosófica e existencial, “uma opção que deve ser feita de uma vez por todas e que, em seguida, deve se desenvolver, se desenrolar e quase se barganhar no trabalho assíduo da vida cotidiana... na atividade de todos os dias” (FOUCAULT, 2013, p. 220). Um percurso de vida “na relação consigo, no trabalho de si sobre si, no trabalho sobre si mesmo, nesse modo de atividade de si sobre si... como conjunto das práticas pelas quais o sujeito tem relação consigo mesmo, se elabora a si mesmo, trabalha sobre si” (ibid., p. 221). Para o filósofo, “o cuidado de si não está ligado à aquisição de um status particular no interior da sociedade. É o ser inteiro do sujeito que, ao longo de toda sua existência, deve cuidar de si enquanto tal” (FOUCAULT, 2006, p. 301).

Um processo permanente na busca de uma atividade e de uma compreensão sobre as maneiras como se subjetivam o conjunto de ações do sujeito para consigo mesmo na conformação de sua corporeidade e no entendimento de si. Apresenta-se como um fenômeno de construção de um padrão e uma forma de viver, de um certo sentido do viver que se distingue e se conserva, ao mesmo tempo que se transforma no processo do cuidado de si e na construção de uma identificação singular mediada por suas relações com o mundo. Trata-se da produção de verdades em que o sujeito tende a não mais se submeter às verdades institucionalizadas, na tentativa de construir espaços de liberdade; uma mudança contínua e ininterrupta de si para consigo e conseqüentemente para com os outros, em que a transformação é de responsabilidade do próprio sujeito. Ética, pois é ética consigo mesmo. Um movimento do sujeito no acesso a um tipo de verdade na qual a ação perceptiva, para além do saber objetivo, baseia-se na atividade completa de si, envolvendo experiências vivenciais e emocionais “em si mesmo e por si mesmo, [em que] jamais conseguiria dar acesso à verdade se não fosse preparado, acompanhado, duplicado, consumado por certa





transformação do sujeito, não do indivíduo, mas do próprio sujeito no seu ser sujeito” (FOUCAULT, 2006, p. 21).

O trabalho de si sobre si necessita ser (re)pensado em sua dependência profundamente modalizada pelo uso da ação linguajante. Para Foucault (2013) somente o dizer a verdade pode contribuir para uma prática ética do sujeito, agente de si e dos outros em suas relações existenciais. Tal ação linguajante, o dizer a verdade, deve configurar-se como percepção e trabalho de si sobre si, em como age em seus vínculos e convivência, que posição tem nesses vínculos e de onde se pronuncia, que forças estão em ação no momento e às quais é submetido, em quais maneiras de seu viver se expressam e como pode transformá-las. Segundo o filósofo, esse trabalho sobre si parte, antes de tudo, de uma atitude perante a vida, sustentada pela ousadia ao dizer a verdade, dizer seja o que for que estiver sentindo ou vivendo: o uso da parresía. Para ele, “ser agente de verdade... reivindicar para si o monopólio da parresía não vai querer simplesmente dizer e pretender que ele pode enunciar a verdade no ensinamento, nos conselhos que dá, nos discursos que pronuncia, mas que é efetivamente, em sua própria vida, um agente de verdade” (FOUCAULT, 2013, p. 291). Tem como principal objeto seu comportamento perante as forças e situações em se encontra e é submetido, e do que seria capaz de produzir no sentido da transformação, não do outro, mas de si primariamente. Assim, produz um modo de viver enquanto ação de liberdade frente a sujeição e coerção em que vive, imerso em relações sociais de força, inclusive as médicas.

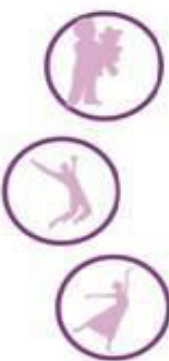
A verdade, que aqui se fala, constitui-se nos espaços psíquicos interssubjetivos, da relação entre pessoas e da coragem de dizer a verdade sobre si enquanto uma ação no viver, não a veiculação da verdade do outro sobre si. Trata-se de dizer uma verdade atenta ao conhecer-se e cuidar de si e ao como se tem governado o sujeito nas suas atividades, criando, talvez, a possibilidade de se tomar a própria vida como sentido no governo de si.

O uso do corpo em uma ontologia da forma-de-vida

Se na biomedicina a estrutura orgânica tende a preceder o ser do sujeito para que a biologia essencialize a arquitetura orgânica na determinação da sua atividade psíquica/corporal, incluindo as enfermidades, pretendo trazer outras possibilidades de corpo para pensar práticas médicas implicadas com as experiências existenciasis dos sujeitos.

A clássica divisão discutida por Agambem entre bios (forma de viver própria do indivíduo ou grupo, atividade vital, vida do sujeito e vida coletiva) e zoè (vida biológica como de qualquer animal) necessita ser superada “fazendo coincidir em todos os pontos bios e zoè [tanto em conceito de corpo e sujeito como em suas atividades vitais]” (AGAMBEM, 2017, p



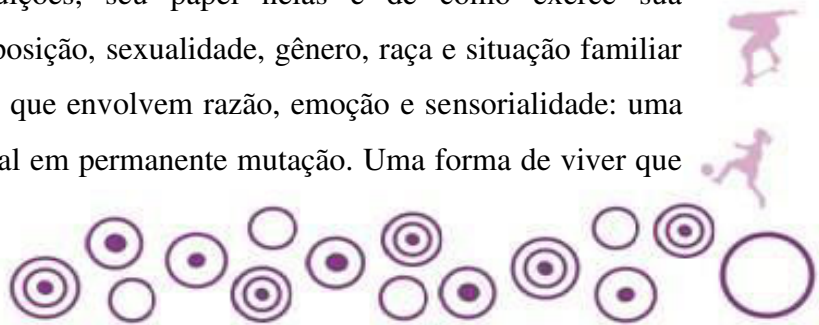


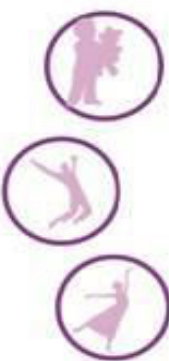
252). Esta divisão é um “conceito - que se apresenta hoje sob as vestes de uma noção científica” (ibid., p. 236) enquanto função de um saber médico anatomizado em que a estrutura determinista precede o sujeito. A união de *zoè* e *bios*, a meu ver, poderia ser considerada como um ponto de vista da atividade vital corporificada, em que os efeitos mentais e psíquicos pertenceriam ao espaço intersubjetivo da atividade vital imbricados aos processos de subjetivação individual e singular dos sujeitos, assim como seus corpos.

Dessa perspectiva, uma possibilidade se apresenta no entendimento do corpo, da saúde e da enfermidade, enquanto expressões do modo como se vive. Para Agambem (2017), “uma vida, que não pode ser separada de sua forma, é uma vida para a qual, em seu modo de viver, está em questão o próprio viver e, em seu viver, está em jogo, sobretudo, o seu modo de viver... pondo em jogo o próprio viver.” (p. 233-234). O corpo apresenta-se, nessa visão, como um processo constituindo-se na sua experiência vital, imbricado a sua subjetividade, nunca acabado de tornar-se sujeito corporificado de si mesmo no jogo da vida.

Na via da desconstrução do corpo biológico, segundo Deleuze o corpo “é um exercício, uma experimentação inevitável, já feita no momento em que você a empreende... não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas” (DELEUZE, 1996, p. 9). O corpo “só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente passam e circulam... que se define por eixos e vetores, gradientes e limiares, tendências dinâmicas com mutações de energia, movimentos cinemáticos... tudo isso independente das ‘formas acessórias’, pois os órgãos somente aparecem e funcionam aqui como intensidades puras” (ibid., p. 14). Segundo Deleuze, o corpo seria manifestação de intensidades vividas, subjetivadas na experiência, manifestadas pelo sujeito no seu modo e no seu falar.

Para Agambem (2017) a fala é expressão do pensamento que “não define uma forma de vida ao lado de outras em que se articulam a vida e a produção social: ele é a potência unitária que constitui em forma-de-vida as múltiplas formas de vida (grifo do autor)” (p. 239). O pensamento enquanto potência de vida, ao ser falado, expressa nossa experiência vital, constituindo-se na unidade psíquica e corporal do viver na imensa diversidade do estar vivo. O sujeito no governo de si expressa a possibilidade da existência humana, ao mesmo tempo em que usa seu corpo no sentido de viver em si essa totalidade. Esta prática de si pode acontecer, por exemplo, no próprio pensar e agir sobre si, nas sensações decorrentes de sua atividade com os outros e as instituições, seu papel nelas e de como exerce sua liberdade/poder, condicionados por sua posição, sexualidade, gênero, raça e situação familiar em um conjunto de saberes subjetivados que envolvem razão, emoção e sensorialidade: uma complexa e intrincada experimentação vital em permanente mutação. Uma forma de viver que





tende a ser singular, única e individual na constituição de cada subjetividade corporificada, nas preferências individuais, gostos, jeitos, inclinações, comportamentos, medos, reações, sono, hábitos alimentares, no modo de como cada um se manifesta. Quanto mais o sujeito se capacita em viver suas verdades subjetivadas, mais se capacita para a construção de uma ontologia modulada por si mesmo, correspondendo a um estilo de viver único que se expressa em cada corporeidade. A enfermidade poderia ser compreendida como uma cristalização de seu devir ontológico singular.

Nesse cenário, as práticas médicas poderiam voltar-se para uma percepção de si inserida em uma trama histórica de relações ontológicas do sujeito que se relacionariam com os sintomas definidores de sua enfermidade. Uma medicina que converta, cada um de nós, em objeto de conhecimento de si no cuidado a partir do tipo de vida que exerce nas relações estabelecidas, instrumentalizando os efeitos de subjetivação nesse processo de viver singular. Na contramão da biomedicina que aplica protocolos universais no tratamento de doenças objetivas e impessoais, busca-se uma medicina atenta à aventura individual de como os sujeitos se constituem no seu viver corporificado, tanto na saúde como na enfermidade. Uma medicina voltada para a arte da observação, mediada por práticas em que o médico e o paciente se transformam em instrumento para o cuidado e o governo de si, ao invés de sujeitos edificados no corpo orgânico e submetidos à verdade do outro.

Bibliografia

AGAMBEM, G. **O Uso dos Corpos**. [Homo Sacer, IV, 2]. Trad. Elvino J. Assman. 1. ed. Ed. Boitempo, 2017.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. 2. ed. Trad. Aurelio Gurra Neto, Ana Lucia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão, Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012

FOUCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade**. Curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. Ed. Martins Fontes, SP: São Paulo, 2000.

FOUCAULT, M. **Hermenêutica do Sujeito**. Trad. Marcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. **O Governo de Si e dos Outros**. Trad. Eduardo Brandão. 1. ed., 3. tiragem. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2013.

ORTEGA, F. Da Ascese à Bio-ascese ou do corpo submetido à submissão do corpo. *In*: RAGO, M.; ORLANDI, L.B.L.; VEIGA-NETO, A. (Org.) **Imagens de Foucault e Deleuze - ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2002. p. 139-173.





ROSE, N. A biomedicina transformará a sociedade? O impacto político, econômico, social e pessoal dos avanços médicos no século XXI. Trad. E.R.P. Martins. **Psicologia e Sociedade**, v. 22, n. 3, p. 628-638, 2010.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

